



Andy Warhol Photo Edition for Parkett, 1987

**\*JANIEIRE RODRIGUES ROSA BIANO – Artista Visual, graduada em Artes Visuais pela UFG-FAV.**

## **OLHE PARA DENTRO E PARA FORA, ENXERGUE ALÉM DA SUPERFÍCIE.**

*Andy Warhol*

Criador do estilo Pop Arte, Andy Warhol foi um brilhante, mas, também polemico artista estadunidense. Nascido dia 6 de Agosto de 1928, filho de imigrantes checos, cresceu em um cortiço em Petersburg na Pensilvânia, foi uma criança doente que não saia de casa, passava seu tempo lendo, pintando e fazendo colagens, a maior parte do tempo ajudava sua mãe na cozinha e nos serviços domésticos, a mãe, católica o levava na paróquia do bairro, espaço onde o menino contemplava pinturas e esculturas com adornos dourados. Assim Warhol desenvolveu seu gosto pela arte desde a infância, meio a adoração do sagrado e de Divas que chegavam até ele através da mídia. O garoto tímido e estudioso se formou em várias faculdades, <sup>1</sup>trabalhou para a revista Bazaar, Harper's e Vogue, se tornou artista plástico, ilustrador, escritor, e dentre outras coisas diretor e crítico de arte.

A crítica dizia que os novos artistas da Pop Arte eram apenas “mascadores de chicletes”, sem muito pretexto contextual que invadiram as galerias de Arte de Nova York e que seus trabalhos eram vagos. A arte de Warhol era expressa através de quadrinhos, latas de sopa industrializada, caixa de sabão em pó, experimentações em fotografias e filmagens, performances, serigrafia e ilustrações e publicidade de moda, dentre outras coisas também colecionava objetos de arte diversificados.

---

<sup>1</sup> Em 1945 foi para Nova York, mas só em 1963 abriu seu ateliê, o Factory onde foi baleado em 1968 por sua colega Valery Solanas.



Quem conheceu Andy Warhol pessoalmente, conta que o artista era um profundo filósofo de arte, percebemos isto num texto de 1975 com anexo PoPism: The Warhol's 60s. Warhol contribuiu grandemente para a história da arte com sua prática artística em nível jamais alcançado, simulava seriedade sobre o que era considerado eclético na década de sessenta. A Arte que influenciou ou foi influenciada, trouxe reflexões à cerca da consciência que transgredia todas as regras tidas como necessárias a uma obra de arte até o momento.

Suas propostas artísticas tinham certo humor e ambiguidade, o filme *Empire* foi um tipo de brincadeira, o artista subtraiu tudo da imagem em movimento de modo que o que restou era apenas um objeto que se mantém parado, nada acontece durante horas. Outro exemplo é o *Brillo Boxes*, que fora dos museus ou galerias de arte seriam apenas caixas de sabão em pó comum. Warhol relata para amigos e imprensa que um senhor ao ver a embalagem "BRILLO" numa vitrine, entra e pergunta ao vendedor se pode pegá-la para colocar alguns livros, o marchand então explicou ao senhor que aquilo é um trabalho de arte e que custava no momento trinta mil dólares. O homem havia pensado que a galeria de arte seria uma loja.

Havia um ar de brincadeira na Stable Gallery há quase 30 anos atrás com as caixas exibidas. Mas Warhol não estava brincando. Há uma história famosa de uma discussão em uma festa em Long Island de Warhol com William de Kooning que dizia odiar Warhol por tirar da arte tudo o que a tornava divertida, o chamava de assassino da beleza. Mas, havia alguma relação entre a série *Woman* feita por de Kooning e as *Marylins* de Warhol, que achava que o padrão de beleza das mulheres consistia nas imagens formadoras da "consciência" comum do sexo feminino.

A arte pop no início dos anos 1960 e o que significou toda aquela apropriação de imagens veiculadas comercialmente na cultura de massa. Frequentemente eram sugeridos pelos críticos ou mesmo pelos próprios artistas da época, que a intenção era obliterar as fronteiras entre cultura erudita e popular, desafiava com logotipos comerciais, painéis com tiras de HQ, anúncios de jornais e revistas, as distinções estabelecidas e reforçadas pelas instituições do mundo da arte a galeria, com sua decoração e o estilo afetado, a coleção; a moldura entalhada e dourada; o mito romântico do artista.



Em 1962, R. Lichtenstein pintou um trabalho que se parecia com um manual de composições monumentalizado, um daqueles do tipo mais familiar, com matizado preto-e-branco na capa e uma etiqueta em que se lê “composição”. Iconograficamente ele parece ir de encontro com as latas de sopa de Warhol e outros dos seus trabalhos, mas, na verdade, tinha um significado diferente. A palavra “composição” tem algum tipo de associação, pois se refere ao modo como os artistas combinam formas no espaço pictórico. E a mancha preto-e-branco se parece com as composições all-over de Jackson Pollock, que recebeu grandes elogios da crítica e é uma peça de “arte sobre arte”, como o trabalho mesmo se tornou conhecido.



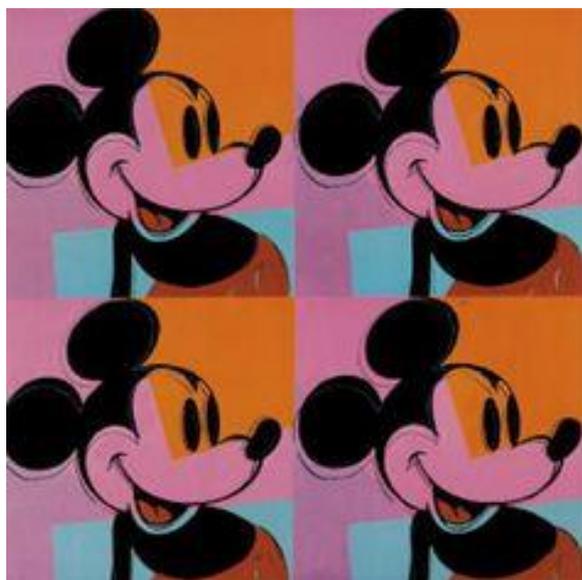
Os trabalhos de Warhol consistem na originalidade, ele nos pede para “olhar e ver”, também podem fazer relação entre o que ele fez com a Brillo Box e o que foi alcançado com os readymades de Marcel Duchamp.

“Um trabalho de arte é um objeto único, Andy surgiu com os múltiplos. Um pintor pinta: Andy fez cinema. A arte é divorciada do comercial e do utilitário: Andy se especializou nas latas de sopa Campbell e Notas de Dólar. A pintura pode ser definida em contraste com a fotografia: Andy recicla meras fotografias. Um trabalho de arte é o que um artista assina, prova do seu trabalho criativo, de suas intenções: Andy assinava qualquer objeto. (DANTO-2001 pág. 114).”

O nome de Warhol é associado ao glamour e publicidade, quem ele pintou virou sucesso, como um conto de fadas. Warhol fez descobertas conceituais, e produziu exemplares de arte que estranhamente se parecem exemplos da realidade, fez imagens que qualquer um descendo a Broadway podia reconhecer, dentre elas estão HQs, mesas de piquenique, calças masculinas, celebridades, cortinas de chuveiro, geladeiras, garrafas de coca-cola. Certa vez ele disse “Pop art é um modo de gostar das coisas”. A sua arte era um esforço para mudar a visão das pessoas com relação ao mundo.

O New York Times publicou em 7 de junho de 1943 “é um pintor sublime, ou um pintor monumental. “O mundo da imaginação é livre de imposições e violentamente oposto ao senso comum”. O “mundo desconhecido” era, é claro, a esfera do inconsciente, que os artistas então procuravam acessar através de um ou outro meio de automatismo. Dore Ashton, no seu texto exemplar de 1972 sobre a Escola de Nova Iorque, discute uma passagem de Jung cujas ideias tiveram um considerável impacto nas reflexões dos pintores de Nova Iorque, principalmente, é claro, nas de Jackson Pollock. Já que estamos falando de “espírito da época”, talvez valha a pena parar e refletir sobre alguns paralelos que definem a vida comum. Tudo isso foi alterado nos anos 1950, numa virada tão dramática quanto a que aconteceria, a partir daquela década, do Expressionismo Abstrato para a arte pop, e tão surpreendente quanto deve ter sido supor que artistas sérios um dia pintassem

imagens do Pato Donald ou do Mickey Mouse.



A pop arte afirmava símbolos da vida cotidiana e celebraram coisas que os expressionistas abstratos achavam estúpidas demais. No início dos anos 60, artistas no qual se incluíam a pop, o minimalismo, e o Fluxus, não estavam simplesmente se opondo a um programa formal que lidava com a pintura e o significado do gesto na pintura. Eles estavam tomando posição contra certa filosofia do artista, uma certa filosofia da razão, uma certa visão de sociedade que não compartilhavam a ideia do “presente não satisfatório”, do qual os membros da Escola de Nova Iorque tentavam se alienar. O Expressionismo Abstrato, se aceitarmos a formulação de Gottlieb e Rothko, era de fato uma forma de crítica cultural aos valores de uma sociedade capitalista. Warhol com a pop arte, afirmou tudo aquilo que o movimento anterior havia rejeitado.

Uma das contribuições de Warhol para a cultura visual era ele mesmo, a sua persona, ele era o mesmo de seus trabalhos, ele se tornou o que fazia. Em uma entrevista publicada no mês da sua morte, Eva Hesse expressou sua total

admiração por Warhol devido “a sua arte e sua vida serem a mesma” O seu trabalho e a sua vida eram o mesmo porque ele transformou a sua vida na imagem da vida do artista, e foi capaz de unir as imagens que compunham a substância da arte, procurou traçar uma ressonância entre a arte e as imagens. O que foi o seu insight. Vivemos em uma atmosfera de imagens, e estas definem a realidade da nossa existência.

A arte de Warhol trouxe objetividade à mente cultural comum, que com o ressurgimento de um radicalismo de esquerda estimulado pela Guerra do Vietnã, e então uma procura por estilos de vida alternativos, distantes realmente dos congeladores, pias brilhantes, deliciosas sopas quentes, tortas recheadas com ketchup e enlatados da fase alta da pop. Warhol recebeu um tiro em 1968, no tempo em que a sua própria estética havia sofrido certa evolução. Com a passagem dos setenta, ele só era um tipo diferente de artista, mais obcecado com o glamour, a vida noturna e as dimensões mais escuras da cultura gay.

Marilyn, Elvis, Liz e Jackie, sopa Campbell e Brillo, ou, Madonna e Bart Simpson fizeram de Warhol um artista público e abrangente em relação à cultura que ele tornou objetiva. Existem, duas formas de morte para o artista o encerramento da vida e obsolescência de seus trabalhos. Ter fama verdadeira na vida moderna significa ter uma imagem reconhecida por outras pessoas, a verdadeira imortalidade é atingir uma imagem que ultrapasse a duração de si, e que continue a fazer parte da mente comum indefinidamente como Charles Chaplin ou mesmo os auto-retratos do próprio Warhol ou Marilyn Monroe.

Fazer com que sua imagem faça da mente comum, no sistema do mundo de Warhol, é se tornar um astro: um astro de cinema, de rock, da política, uma estrela da estante do supermercado, ou, o que já é mais raro, um astro da arte, as estrelas são populares porque a sua existência acontece na mente comum. Warhol retratava as estrelas e ícones, a galerista Holly Solomon, que encomendou o seu retrato, comentou sobre como Warhol a transformou em “uma estrela hollywoodiana”. Somos as imagens que compartilhamos com todas as outras pessoas. “Se você quiser saber quem é Andy Warhol não olhe apenas a superfície, olhe para dentro, ou melhor, olhe para fora” ele dizia numa entrevista de 1967.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DANTO Arthur - O FILÓSOFO COMO ANDY WARHOL, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ars/v2n4/07.pdf> acesso dia 06/03/2016.

MODERN MASTERS - ANDY WARHOL disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=q9AGox-iP60> acesso dia 05/03/2016

[http://metapsychology.mentalhelp.net/poc/view\\_doc.php?type=book&id=3447](http://metapsychology.mentalhelp.net/poc/view_doc.php?type=book&id=3447)